

DADOS BIOGRÁFICOS SOBRE BASTOS TIGRE

MANOEL BASTOS TIGRE nasceu em 12 de março de 1882 na cidade de Recife, Pernambuco, em casa que hoje já não existe, na Rua da Baixa Verde, bairro da Boa Vista, no local foi depois construída a sede do Clube Português.

Era filho de Delfino da Silva Tigre, natural do Rio Grande do Sul, comerciante estabelecido em Recife, e de D. Maria Leontina Bastos Tigre, natural de Crato, Ceará.

Manoel era o primogênito do casal. Foram 24 filhos, dos quais criaram-se 13.

Aos cinco anos de idade entrou para a escola - A Escola Pública Mista - da rua Santo Elias, em Recife. Sua primeira professora foi D. Marquinhos, mãe do escritor Carlos Pôrto Carrero.

Com sete anos foi matriculado no Colégio Diocesano de Olinda, onde esteve até aos 16.

Essa é a fase marcante na infância de Bastos Tigre. No "Seminário" fez seu curso de humanidades e escreveu os seus primeiros versos.

Manoel foi um menino precoce e essa precocidade foi logo percebida e estimulada pelo Reitor "Monsenhor Fabrício" e por seu professor, e depois grande amigo "Monsenhor Fernando Rangel", que lhe ensinou Português e Aritmética. Curiosa a influência de Monsenhor Rangel. Bastos Tigre veio a ser Escritor e Engenheiro Civil.

Os padres orgulhavam-se de seu aluno, exploravam-lhe os pendores poéticos, muito cedo revelados, encomendando-lhe poesias e discursos laudatórios com que saudava as autoridades que visitavam o Seminário, e eram lidos ou declamados nas festas cívicas e religiosas. Como recompensa, tinha autorização de participar das refeições dos padres, quando lhe era permitido servir-se, à vontade, de goiabada e queijo do sertão...

Mas, às vezes, a sua Musa tornava-se um tanto sarcástica, inspirando-lhe versos críticos ao Seminário e professores, que quase sempre eram apreendidos pelos padres, valendo-lhe alguns bolos...de palmatória que lhe aplicava o severo Reitor.

Nesses versos já revelava Bastos Tigre as suas tendências humorísticas.

No Seminário, também organizou e fundou em 1897, um jornal de crítica aos colegas e professores. Já se revelava aí o futuro jornalista.

A família
A esposa de Bastos Tigre, D. Conçetta, possui um exemplar do VIGIA de que lhe fez presente sua sogra. O jornal era inteiramente escrito por ele, que o declarava:

Redator-chefe: EU

Redator-secretário: EU MESMO

Colaboradores: NÓS DOIS

Aparece quando sai

Aos 16 anos, na data do décimo aniversário da "Abolição da Escravatura", por determinação do Reitor, fez a 1ª conferência pública, como orador oficial na inauguração do monumento do fato histórico.

Findo o curso no Seminário, Bastos Tigre transferiu-se para o Rio de Janeiro onde matriculou-se, em 1900, na Escola Politécnica, hoje, Escola Nacional de Engenharia, da Universidade do Brasil.

Sua adolescência, passou-a no Rio de Janeiro. Residia em uma "República" de rapazes, na rua das Laranjeiras, depois transferida para a rua 19 de Fevereiro, em Botafogo.

Chamavam-na "Chateau Miséria" e ficou famosa no bairro. Nessa época, começou a frequentar o "Café Papagaio" e a "Confeitaria Pascoal", hábito que manteve por longos anos. Gostava de escrever nas mesas dos cafés, e, como Toulouse Lautrec, recolhia enorme inspiração nêsse ambiente.

Desde 1900, já trabalhava como jornalista no "Tagarela", revista humorística em que colaboravam Raul Pederneiras, Calixto, J. Carlos e Perez Junior. Em 1902, ingressou no Correio da Manhã e em 1904, passou a colaborar efetivo com a sessão "Pingos e Respingos" que manteve, ininterruptamente, até morrer. Foi essa a sessão diária de jornal de mais longa duração de que se tem notícia -53 anos- dedicados ao comentário dos fatos mais notáveis da vida carioca. Rápido, granjeou Bastos Tigre, grande popularidade.

Em janeiro de 1906, colou grau de Engenheiro Civil.

Estreou no Teatro, com a revista "O Maxixe", o que lhe trouxe convivência com as "estrelas" e as "vedetes" da época. Lima Barreto escrevia que, Bastos Tigre usava da literatura como um conquistador usa das roupas - para atrair as mulheres...

Sua vida tornou-se um torvelinho de emoções: a rua do Ouvidor, as rodas boêmias, as redações dos jornais, as caixas dos teatros. Seu pai, o velho Delfino, sabedor da vida que levava, chamou-o ao Recife:

- Mandei-te ao Rio para estudar e não para desperdiçares o teu tempo em noitadas alegres com boêmios, artistas e cômicos, e deportou-o para a Europa; dali rumou Bastos Tigre para os Estados Unidos onde passou três anos aperfeiçoando-se em eletricidade, na General Elétric. Mesmo assim, os "pingos e Respingos" não sofreram interrupção. Dos Estados Unidos, enviava regularmente a sua colaboração.

Em 1909 regressou à Pátria e foi nomeado Engenheiro do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, trabalhando com Orville Derby. Teve, também, oportunidade de servir à Inspetoria das Obras Contra a Seca, viajando pelo Nordeste.

Em 1911, Bastos Tigre casou-se com D. Concetta Cintra Tigre, filha do Desembargador Guilherme Coelho Cintra.

Deixou seis filhos, todos casados: Helena, Helios, Heitor, Sylvia, Selene e Stella, numerosos netos e bisnetos.

Em 1915 exerceu o cargo de Secretário do então Ministro da Agricultura, José Bezerra Cavalcante, e, no mesmo ano, ingressou na carreira de Bibliotecário, prestando concurso para o Museu Nacional. Foi o primeiro bibliotecário a prestar concurso e obteve o 1º lugar. A esse fato deve o título que lhe foi conferido por Decreto, de "Patrono dos Bibliotecários Brasileiros", tendo sido escolhida a data do seu nascimento para início da semana de

dicada às Bibliotecas no País. No exercício efetivo e contínuo da profissão manteve-se até morrer, pois, ainda que compulsòriamente aposentado, aos 70 anos, foi mantido na direção da Biblioteca Central da Universidade de Brasil, por deliberação do respectivo Conselho que, dessa forma, rendia homenagem ao homem que dedicara toda sua vida aos livros, não só escrevendo-os como se ocupando de sua conservação.

Cuidar de livros, para Bastos Tigre não era apenas dever profissional, mas o seu próprio "hobby". Fora da Universidade, dirigia outras bibliotecas, a da Associação Brasileira de Imprensa, e a da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, sem qualquer retribuição. Só pelo prazer de lidar com os livros, orientar os leitores e manter com os visitantes longas conversas.

Em 1927 foi eleito Presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Nessa ocasião obteve do então Deputado Getúlio Vargas, o patrocínio para a Lei de Proteção ao Teatro Nacional, conhecida por Lei Getúlio Vargas.

A atividade literária de Bastos Tigre desenvolveu-se em quase todos os gêneros. Sua capacidade e facilidade de produção eram espantosas. Colaborou em quase todos os jornais e revistas do Rio de Janeiro. Publicou diversos livros e peças teatrais.

As estroinices, as humoradas, as noitadas boêmias de Bastos, são famosas e Luiz Edmundo rememorou várias delas. Mas no fundo, Tigre era um romântico e um sentimental. Quem não se lembra dos versos que enviou à sua esposa e que Eduardo Souto musicaria mais tarde:

Saudade, palavra doce
Que traduz tanto amargor,
Saudade é como se fôsse
Espinho cheirando a flor...

Faleceu em 1957, aos 75 anos de idade, vítima de um aneurisma. Morreu tranquilamente cercado pelo carinho e pela veneração da sua família. Passara pela vida, sempre alegre e distribuindo alegria, apontado como padrão de homem feliz. Entre as homenagens que lhe foram prestadas no seu enterro, uma, sobretudo, deve lhe ter agradado muito: uma corba anônima, tendo gravadas em sua fita roxa as seguintes palavras:

"O agradecimento de seus admiradores anônimos
a quem você deu tanta alegria".